



O poder da informação na sociedade da informação e nas organizações empresariais

Juliete Susann Ferreira de Souza Ju

UNESP/Marília, Brasil

jubsusann@gmail.com

Oswaldo Francisco de Almeida Junior

UNESP/Marília, Brasil

ofaj@ofaj.com.br

Resumo

As implicações da Sociedade da Informação estão repercutindo no mundo organizacional e tornando a informação peça-chave para o seu desenvolvimento. Tal ação se faz presente porque a apropriação da informação restabelece as relações de poder; quanto maior a quantidade de informação, maior será a capacidade de intervenção na realidade. Nesse aspecto, a informação toma lugar de supremacia, seja quando socializada ou não. Assim, nosso objetivo neste artigo é discutir o poder da informação na Sociedade da Informação, tendo como pano de fundo o livro *1984*, de George Orwell, visando levantar questões para uma maior reflexão acerca dos valores que há tempos permeiam a nossa sociedade.

Palavras-chave: Sociedade da Informação; Ambiente Organizacional; Estruturas Organizacionais; Poder; Informação.

The power of information in the information society and business organizations

Abstract

The implications of the Information Society are influencing the organizational world and turning information into a key element for its development. This is present because the appropriation of information restores power relations; the greater the amount of information, the greater the capacity to intervene in reality. In this aspect,

the information takes the place of supremacy, whether socialized or not. Thus, our goal in this article is to discuss the power of information in the Information Society, with the backdrop of the novel *1984*, by George Orwell, aiming at raising questions for further reflection on the values that have long permeated our society.

Key-words: Information Society; Organizational Environment; Organizational Structures; Power; Information.

Introdução

Este trabalho apresenta algumas reflexões acerca da pretensa relação existente entre informação e poder na declarada Sociedade da Informação e nas organizações empresariais. Com isso, procurar-se-á entender como a informação restabelece as relações de poder entre a sociedade, as organizações e os indivíduos, bem como influenciam e fazem com que estes últimos se tornem sujeitos com “voz ativa” acerca dos ambientes nos quais se inserem.

No contexto atual da Sociedade da Informação, a informação tem se tornado o principal componente de inovação, transformação e desenvolvimento; subsídio fundamental na dinâmica do universo capitalista globalizado atual. Seu emprego tornou-se peça-chave para que uma organização e até mesmo os próprios indivíduos possam se tornar um agente ativo dentro da rede na qual estão inseridos. Assim, quanto mais informação possuírem, maior será a capacidade de intervenção na realidade.

Tal aspecto pode ser identificado também no âmbito das organizações contemporâneas, organizações estas que sofreram fortes influências da Sociedade da Informação. Esse cenário no qual tais empresas estão atuando passa a ter um papel fundamental e proporciona melhor e mais rápida percepção das mudanças, facilita a tomada de decisão e possibilita um reposicionamento dos negócios com maior rapidez e agilidade de resposta às novas necessidades.

Para tanto, isso vai depender do tipo da estrutura organizacional adotada pela organização - estruturas hierárquicas centralizadas ou estruturas descentralizadas, que têm forte influência na percepção dos gestores acerca da informação; isto é, existem organizações que tratam a informação como poder, enquanto outras já a entendem como um insumo que deve ser compartilhado com todos os indivíduos da organização, visando seu desenvolvimento e a obtenção de vantagem competitiva.

Dessa forma, por mais que se viva atualmente na então chamada Sociedade da Informação, ainda existem organizações que continuam agindo e entendendo a informação como poder, concentrando-as apenas nos níveis estratégicos e nas mãos do gestor principal. Esta abordagem também pode ser claramente vista no livro *1984*, de George Orwell, cuja ênfase está no poder e no controle que o Estado exercia sobre os cidadãos ao

deter, manipular e disseminar as diversas informações que possuía, visando a manutenção da realidade conforme seus ideais.

Por meio de tais impressões, este trabalho, *a priori*, faz um resgate teórico enfocando o contexto geral do livro *1984* como forma de situar o leitor na discussão a ser estabelecida. Em seguida, tratará do valor e do poder que a informação exerce na Sociedade da Informação e nas organizações e, por fim, buscará demonstrar a importância e a influência que os tipos de estruturas organizacionais exercem na construção da percepção com relação ao valor da informação.

Contexto geral do livro *1984*

O livro *1984* trabalha com a ideia de um mundo opressor, um mundo autoritário e as possibilidades de se desvincular disso. O pessimismo dá a tônica da história: ou você se alia, se deixa locupletar ou viverá na solidão, na ausência das coisas. A saída, portanto, acaba sendo a resignação.

O Partido é o único que possui poder na Oceania, sendo ele o responsável por manipular as informações e coordenar todas as ações da população. Através das “teletelas” – o famoso Big Brother ou Grande Irmão – espalhadas em todos os lugares, os indivíduos são constantemente vigiados e qualquer desvio de conduta que vá contra as ideias do Partido faz com que os autores das ações desordeiras sejam punidos pelo ato cometido.

As informações em *1984* são claramente manipuladas. O sujeito é retirado, excluído da história. Ele deixa de existir. Se há uma foto que atesta o contrário do que se quer como real, a foto desaparece. A verdade é determinada. Afinal, com quem estamos em guerra? Qual o motivo dela? Por que lutamos?

O grande irmão tudo vê e determina nossos comportamentos e nossos pensamentos. Somos levados a participar, consciente ou não, do dia do ódio, dos minutos do ódio. A teletela, o olhar do Grande Irmão, a presença da repressão até mesmo dentro de casa, tudo isso passa a ser natural, a ser aceito como natural. Não há como se rebelar contra isso. É algo que está inexoravelmente presente em nossas vidas, algo pertencente ao mundo, e ao viver.

Bastos (2006) descreve algumas características da época, a saber:

«...a submissão às imposições do partido; a não memória; a total falta de privacidade; a extinção de laços familiares; das relações afetivas, entre outras. Sem esses laços familiares torna-se comum que até os filhos denunciem os pais por cometerem atos que vão contra as ideias do partido. O casamento deve ser uma união formal, na qual o sexo deve ser apenas para procriação, sendo considerado crime qualquer tipo de prazer».

Visando amedrontar cada vez mais as pessoas, o Partido cria a chamada Novílingua, principal sistema de comunicação que busca reduzir cada vez mais as palavras como forma

de não dar abertura para que as pessoas pudessem ter outras interpretações que iriam contra as suas ideias. Assim, todas as pessoas que pensassem contrariamente às ideias do Partido estariam cometendo um crime muito grave na época e poderiam ser presas pela Polícia do Pensamento e desaparecidas da história, vaporizadas/esquecidas, como se nunca tivessem existido.

Neste sentido, a linguagem também deve ser controlada. Se o vocabulário é pequeno, exterioriza-se pouco. As relações devem ser individuais, cada pessoa consigo mesma. Família, amigos, amantes devem existir sob outros conceitos: a família existe voltada para o partido, para as concepções veiculadas pelo Grande Irmão; as amizades também devem seguir e acompanhar os interesses dos dominadores; relações amorosas criam laços que superam o indivíduo. A Novilíngua lida com poucas palavras. Afinal, para que dizer o desnecessário?

É preciso controlar o pensamento, a reflexão individual, os espaços de discussões pessoais, isoladas. Para isso, cria-se a Polícia do pensamento. Você nem mesmo em sonho pode ser subversivo. Sua mente precisa ser controlada, dominada. Um controle que se dá via ideologia.

Mas, o personagem principal possui um diário para registrar o acontecido, que é a história. Mas é uma história não controlada, não determinada e, portanto, inadmissível, não aceita. O diário permite refletir sobre a vida, pensar sobre a vida e, assim, confrontar suas ações e vivências com o cotidiano dominado. O diário traz a possibilidade de estruturar o pensamento caótico. Nós organizamos nosso pensamento quando falamos, escrevemos, discutimos. Quando partilhamos com o mundo. Sendo este, portanto, a possibilidade de liberdade, da não manipulação. Mas a “Liberdade é escravidão” como apregoava um dos lemas implantados, inculcados, impostos.

Assim, por meio das manipulações da informação, o Partido interferia fortemente na realidade das pessoas e diminuía sua capacidade reflexiva para que não conseguissem modificar a realidade estabelecida e imposta pelo Estado. Por meio disso tudo, vê-se que a informação é uma variável poderosa dentro do ambiente no qual está inserida e, portanto, tê-la é estabelecer o controle e o domínio sobre aqueles que dela fazem uso.

Sociedade da Informação

Em um mundo globalizado e caracterizado pela Sociedade da Informação, percebe-se que a informação torna-se a principal peça de modificação de uma sociedade, bem como do próprio indivíduo. Assim sendo, quanto mais informação verídica os indivíduos possuírem, maior será o seu poder de discernir o que é verdadeiro e o que é falso, e como consequência, conseguir alterar as condições e a realidade em que vive.

No livro escrito por Orwell é justamente isso que Winston Smith, membro do Partido Externo, trabalhador no Ministério da Verdade, procura fazer ao perceber que o Partido alterava os registros verdadeiros e jogava no Buraco da Memória documentos que pudessem provar uma contradição do Partido. Assim, cada vez mais inconformado com o modo que o Partido manipulava e disseminava as informações para a população, Smith passa a questionar a postura e as ações do Partido e busca informações que possam modificar a realidade imposta por eles.

A resistência deve ser assim entendida: ela é criada ou existe na realidade? Cria-se a história, cria-se o fato, a realidade, o acontecido. Em quem confiar se até o filho ou a mulher pode lhe acusar? A resistência passa a ser uma ilusão que sustenta o sistema. Aliás, o sistema também se sustenta apontando culpados, vilões, traidores. E os culpados são sempre pessoas, nunca o sistema. A resistência ilusória também se sustenta em livros, em propostas e análises escritas. Mas a revolução é teoria e ação. Apenas a teoria é permitida, a ação é reprimida.

Percebe-se aqui o poder que a informação exerce com relação ao comportamento dos indivíduos: ora ela é utilizada para diminuir a capacidade reflexiva do indivíduo uma vez que as informações são manipuladas, ora é entendida como atributo necessário e modificador de uma determinada realidade. Em ambos os aspectos, a informação é entendida como propulsora das modificações e transformações ocorridas nas últimas décadas na sociedade, bem como nos indivíduos (Neto; Teixeira, 2006, p. 221).

Segundo Neto e Teixeira (2006, p. 221), na medida em que possui uma ampla capacidade de intervenção na realidade, a informação torna-se um «poderoso instrumento para inovar e transformar. A informação produzida em nossa sociedade é um diferenciador entre as nações na sociedade da informação», tornando-se evidente para todos que ela é o principal fator de distinção da capacidade de produção dos países e determinantes para o desenvolvimento.

Segundo a UNESCO (1987, p. 28), «informação é um produto social e não comercial [...] é, ao mesmo tempo, uma necessidade social e um elemento essencial no pleno exercício dos direitos humanos». O Estado, como o guardião dos direitos e deveres do cidadão, deve criar mecanismos para que o uso da informação seja garantido a todo indivíduo (Santos; Carvalho, 2009, p. 51–52).

Tal preocupação não era vista na sociedade descrita no livro de Orwell, pois a informação era modificada justamente para que os cidadãos não tivessem como descobrir os seus direitos e ir contra o Partido. Mas será que isso não ocorre ainda nos dias atuais, ou melhor, na dita Sociedade da Informação, como muitos autores tratam esse novo contexto estabelecido?

Sobre esse aspecto, Werthein (2000, p. 71) afirma que as promessas da Sociedade da Informação se justificam com o esforço da sociedade na sua construção. A justificativa desse esforço prende-se às:

«...perspectivas oferecidas pelo novo paradigma de avanços significativos para a vida individual e coletiva, elevando o patamar das informações gerado e utilizado na sociedade, oferecendo o estímulo para constante aprendizagem e mudança, facilitando a salvaguarda da diversidade e propiciando dinamismo econômico mais condizente com o respeito ao meio ambiente [...]». (Werthein, 2000, p. 71)

Assim, na Sociedade da Informação a apropriação da informação é a peça-chave e o principal componente de emancipação do sujeito no contexto no qual está inserido. Ao absorver e produzir novos conteúdos, ele gera coletivos inteligentes que podem alimentar o ciclo informacional: informação, conhecimento, desenvolvimento e informação (Barreto, 1998, p. 123). Isto é, a informação é considerada um atributo significativo para construir conhecimento no indivíduo em sua organização, grupo e/ou na sociedade, gerando com isso uma ação que só vem a contribuir e crescer no ambiente no qual este está situado.

Neste contexto, Servan-Schreiber (1974) e Rousseau (1999) afirmam que a informação compartilhada encontra-se na base de toda boa inteligência, e que se um povo suficientemente informado delibera, mesmo a ocorrência de pequenas diferenças não tira do resultado o caráter de «vontade geral» e, por conseguinte, benéfico para o conjunto da sociedade. Thomas Jefferson (apud Silveira, 2000, p. 86) também afirmava que a liberdade de expressão e de opinião é a base de todo governo liberal democrático, e que a melhor maneira de aperfeiçoá-lo está na disponibilização tanto qualitativa quanto quantitativa das informações tocantes à gestão pública acessíveis ao povo.

Na Sociedade da Informação, a liberdade de pensamento e a sua expressão não podem ser exercidas de maneira integral sem o reconhecimento do direito à informação, na medida em que o saber determina o entendimento e as opções da consciência que irão formar as opiniões e raciocínio sobre os acontecimentos sociais. A ausência de informação faz o agente achar-se destituído de capacidade crítica para avaliar o ambiente comunitário e exprimir suas convicções (Lira et. al, 2008, p. 16).

Uma vez apresentada, de modo geral, a importância da informação dentro da sociedade, chega-se agora ao clímax desta discussão, uma vez que a informação acaba entendida como um poder exercido em todos os segmentos nos quais está inserida. Mas por que isso ocorre? Afinal, não estamos inseridos numa Sociedade da Informação que preza pela democratização da informação e do conhecimento? Ora, se assim realmente fosse, a informação não seria distribuída de forma igualitária e sem restrições para aqueles que dela necessitam para seu desenvolvimento?

Ainda existe um grande paradoxo acerca desse fator, pois muitos ainda entendem que para ter poder nos dias atuais, deve-se ter informação e não compartilhá-la com

ninguém, fato esse que acaba por prejudicar a execução da proposta de uma sociedade democrática da informação.

Como forma de melhor entender esta percepção, a seguir serão apresentadas questões sobre o aspecto empresarial, pois como bem ressalta Valentim (2006, p.09) as organizações devem ser também entendidas como «o núcleo da sociedade, pois ela agrupa indivíduos, sustenta a economia, gera empregos, profissionaliza e especializa a atuação dos sujeitos, ou seja, ela influencia a cultura, a educação e a própria sociedade». Compreender, portanto, o ambiente organizacional é compreender o papel que a informação desempenha nesse âmbito.

A relevância da informação no contexto organizacional

A informação tem um papel fundamental nos ambientes organizacionais, porque todas as tarefas desempenhadas, desde o nível estratégico, tático e operacional, são apoiadas por ela. Com isso, a informação pode ser considerada matéria-prima para a manutenção e desenvolvimento de uma estrutura organizacional, bem como da própria organização em si.

Nesse contexto, o colaborador gera, compartilha e usa a informação de modo a auxiliá-lo nas atividades desempenhadas. Entretanto, muitas organizações desconhecem a importância desses procedimentos para seu crescimento e desenvolvimento, fator que acaba interferindo nos planos de ação de curto, médio e longo prazo. Evidencia-se, assim, que um dos fatores determinantes para tal fato recorrente é a falta de percepção dos indivíduos quanto a mudanças ambientais internas e externas, uma vez que não compreendem a importância desses processos para a obtenção de vantagem competitiva, além de acreditarem que o compartilhamento de informação/conhecimento possibilitaria uma perda de status e poder, tornando-se peças descartáveis dentro daquele sistema/organização. De algum modo, isso acaba prejudicando toda a dinâmica empresarial, e prova disso é um ambiente dotado de desconfiança, competitividade exagerada e falta de motivação por parte dos indivíduos.

Tal fato pode ser identificado na passagem do livro *1984* em que Smith começa a questionar a opressão do Partido em relação à população. Ele compra um diário como forma de registrar todo o seu pensamento, questionamento e angústias acerca das coisas que estavam acontecendo na sociedade, já que não poderia expressar e muito menos compartilhar seu pensamento com qualquer pessoa, pois, se assim fizesse, ele estaria correndo risco de vida.

Diante desses fatos, pergunta-se: por qual motivo os indivíduos dentro das organizações compartilhariam informação uns com os outros, sabendo que esta é entendida como forma de poder? Essa é uma questão que a Sociedade da Informação procura quebrar

ao mostrar que são cada vez mais necessários comportamentos relacionados à criação e ao compartilhamento de informação e conhecimento de pessoas que atuam nos ambientes organizacionais, pois propicia condições de aprendizado e cria uma cultura organizacional positiva em relação à informação e ao conhecimento.

Considerando a competitividade entre as organizações, o conhecimento gerado por meio da percepção, compreensão e apropriação de informação advém tanto do ambiente interno quanto externo, cujo objetivo no contexto organizacional é responder às mudanças existentes nesses ambientes. Portanto, o conhecimento construído individualmente é fundamental para as ações coletivas desempenhadas no cotidiano da organização. Essa dinâmica faz com que as organizações realizem boas estratégias de ação para que se mantenham competitivas no mercado globalizado.

Para tanto, como bem ressaltaram Neto e Teixeira (2006, p. 226), a grande implicação da sociedade da informação nas organizações é que elas têm que se estruturar em função da importância estratégica da informação. Por importância estratégica da informação, entende-se que a organização tem que responder adequadamente às demandas do meio ambiente de forma inovadora, fornecendo-lhe produtos, serviços e soluções adequadas ao atendimento das necessidades do meio ambiente competitivo.

Torna-se evidente, com isso, que o estudo das estruturas organizacionais é de extrema importância, uma vez que mostrará a percepção que os gestores das organizações têm acerca do papel que a informação desempenha no ambiente organizacional, isto é, se a tratam como poder ou possuem uma cultura voltada ao compartilhamento da informação.

Estrutura organizacional: uma enorme influenciadora ao compartilhamento de informação e conhecimento

Uma das prioridades de qualquer administração, a partir da liderança e da autoridade que lhe foi atribuída, é estruturar a organização sobre a qual ela age. Yu (2011, p. 25) descreve que a «estrutura de qualquer organização é entendida como o conjunto das diferentes maneiras de se subdividir um trabalho em diferentes tarefas e sua coordenação», e é a partir dela que os objetivos e metas organizacionais são atingidos.

Assim, *a priori*, a estrutura vem com o objetivo de posicionar de maneira formal os indivíduos de acordo com as atividades que lhes foram atribuídas. Conseqüente, vem como forma de mostrar aos sujeitos da organização o que se espera deles a partir dos critérios já definidos e das tarefas que lhes foram atribuídas. E por fim, ela pode facilitar no processamento de informações relevantes e serem utilizadas e agregadas posteriormente no processo de tomada de decisão. Assim, a estrutura possui uma intensa relação com o modo que a organização entende informação e conhecimento, isto é, se a entende como poder ou não (Yu, 2011, p. 26-27).

Por meio disso, a adoção de uma estrutura mais flexível para os dias atuais se faz necessária quando se pretende maximizar os ganhos e obter melhores resultados. Para tanto, os gestores das organizações devem criar estruturas que venham a instigar em seus colaboradores atitudes e comportamentos que os façam entender que compartilhar informações e conhecimentos gerados é indispensável para o desenvolvimento da organização. Assim, como forma de acompanhar os ideais da Sociedade da Informação, a estrutura organizacional de muitas empresas reflete uma mudança de estrutura hierárquica para uma maior dependência descentralizada, trabalho em equipe e incentivos de apoio, destacando com isso a valorização do indivíduo dentro do ambiente organizacional (Liao; Chuang; To, 2011, p. 728, tradução nossa).

No livro de Orwell isso não era possível, pois havia uma hierarquia do Estado sobre os indivíduos, impedindo que fizessem uso da linguagem verbal como instrumento de emancipação. Com isso, nota-se a não valorização dos indivíduos no ambiente no qual estão inseridos.

No que tange os dias atuais, Nonaka e Takeuchi (1997, p.61) entendem que as organizações precisam ser capazes de «[...] criar, transferir, e reutilizar informação e conhecimentos que sejam relevantes para a sua atividade-fim». No entanto, se fazem necessárias a união e integração das pessoas e dos processos presentes no ambiente organizacional, possibilitando a criação de um ambiente propício para a conversão do conhecimento tácito em conhecimento explícito. A informação, bem como o conhecimento gerado no ambiente organizacional, diminui as incertezas e inconsistências, além de contribuir para o desenvolvimento da organização.

Entretanto, o grande desafio das organizações nesses processos reside no compartilhamento da informação e do conhecimento, pois compartilhar informação e conhecimento é um dos processos mais críticos no âmbito organizacional, seja devido à sua importância do ponto de vista do desempenho organizacional (Renzi, 2008; Sondergaard; Kerr; Clegg, 2007 apud Barbosa; Sepúlveda; Costa, 2009, p.15), seja porque é um dos comportamentos mais difíceis de ser plenamente incorporados no dia a dia organizacional, uma vez que, acredita-se ainda, a informação e conhecimento como poder. E, se assim os são, quem irá compartilhá-los por livre vontade?

Assim, torna-se necessário entender a relação existente entre poder e informação, ou melhor, o poder que a informação continua tendo na chamada Sociedade da Informação e nos ambientes organizacionais.

O poder da informação no âmbito da Sociedade da Informação e no contexto empresarial

Para entender essa relação, é necessário, *a priori*, compreender o que significa a palavra «poder» nos dias de hoje. Segundo Galbraith (1986 apud Silveira, 2000, p. 79), o poder se traduz como «a possibilidade de alguém impor a sua vontade sobre o comportamento de outras pessoas». Essa ideia de poder correlaciona a dimensão do poder com a capacidade de certos grupos ou indivíduos imporem suas vontades a outros a fim de atingir determinados objetivos (Silveira, 2000, p. 79).

Robbio (1986) afirma que ter poder significa ter a «capacidade» de premiar ou de punir a fim de obter o comportamento desejado. Referido comportamento também pode ser conseguido à custa de promessas de recompensas ou punições, desde que seja reconhecida a capacidade de levá-las a efeito (SILVEIRA, 2000, p. 80).

Como forma de exemplificar essa ideia, recorreremos à passagem do livro *1984* em que Winston passa a sofrer torturas quando capturado pela Polícia do Pensamento.

«O torturador, mais conhecido como O'Brien, explica que ele foi levado a esse lugar para ser curado e que passaria por três estágios: aprender, compreender e aceitar. Alguns dias se passam e ele é posto em uma máquina de tortura, e O'Brien inicia uma espécie de lavagem cerebral que o induz a concordar com o Partido. Se o Partido disser que $2 + 2$ são 5, assim será. Aqui a informação é entendida em seu aspecto ideológico diante da verdade. O Partido está sempre certo porque ele é o dono da verdade e da realidade na qual os cidadãos estão inseridos, além de ser capaz de manipular o presente, conseqüentemente, é dono do passado e vice-versa. Depois de tanta tortura, Winston aprendeu e compreendeu as ideias do Partido, mas falta o último estágio: aceitá-las. Assim, O'Brien o manda para a Sala 101 e explica que aquele é o pior lugar do mundo, pois lá se encontra o que o torturado mais teme. No caso de Winston, esse elemento que lhe causava terror eram ratos. Ao chegar à sala 101, Winston se deparou com uma máscara que quando colocada fazia ligação com uma gaiola cheia de ratos famintos, que por certo devorariam seu rosto. A única salvação para ele seria renegar o amor de alguém, ou no caso trair Julia, sua namorada. Assim, não estaria amando ninguém acima do Big Brother, "o Grande Irmão", ou seja, agindo assim, ele teria aceitado que só existe amor e lealdade pelo Partido e pelo Grande Irmão» (Bastos, 2006).

Diante disso, Rousseau (1999) e Silveira (2000) afirmam que ceder pela força é apenas um ato de necessidade, e não um ato de vontade. Somente o poder pode criar direito, e somente o direito pode limitar o poder.

O poder é um fenômeno social no qual uma vontade, individual ou coletiva, se manifesta com capacidade de estabelecer uma relação da qual resulta a produção de efeitos desejados que de outra maneira não ocorreriam espontaneamente.

Silveira (2000, p. 80) descreve que para a configuração do poder, então, exige-se «... a existência de uma 'vontade', de uma 'capacidade' para fazer valer a vontade, ou seja, a produção dos 'efeitos desejados', e, finalmente, da certeza de que é preciso agir, pois os efeitos não aconteceriam 'espontaneamente'. Para conhecer, conceber ou divulgar uma 'vontade' e também para avaliar a 'capacidade' operacional, o poder demanda informação. Por isso também se afirma que informação é poder, ou mais que isso, é fator multiplicador (Silveira, 2000, p. 80)».

Para o exercício continuado do poder, é fundamental dispor de meios de comunicação de massa comprometidos com a manutenção do «sistema» e de um sistema educacional que perpetue o pensamento dominante, de forma que o condicionamento seja cada vez mais implícito que explícito, mais aceito como natural que aceito por convencimento. Assim como os da religião, os poderes da imprensa, da rádio e da televisão derivam da organização, e seu principal instrumento de imposição, como o da religião, é a crença, o condicionamento social (Silveira, 2000, p. 82).

Na sociedade descrita por Orwell, o Partido monitora as pessoas por meio das teletelas, ou Big Brother, espalhadas em todos os locais. Cada passo é acompanhado, e qualquer desvio de conduta que vá de encontro às ideias do Partido faz com que os autores sejam severamente punidos. Todos os membros do Partido tanto Interno quanto Externo devem possuir uma teletela e a deixar constantemente ligada, exceto por alguns minutos, benefício concedido apenas a alguns membros do Partido Interno.

Na sociedade contemporânea isso não é muito diferente, pois podemos analisar elementos tais como a manipulação da verdade por parte de algumas mídias e a dominação da população, principalmente mais pobre, algumas vezes de maneira não declarada. Há também a falta de privacidade, que nos dias de hoje tem um lado forte tanto positivo quanto negativo. Por meio disso, questiona-se: que fator é estabelecido como forma de tornar a sociedade contemporânea melhor do que a descrita por Orwell? Será que as coisas realmente melhoraram e/ou modificaram? Será que a Sociedade da Informação não seria apenas um eufemismo do capitalismo e da globalização exacerbada presente na vida dos cidadãos?

Em cima disso, Silveira (2000, p. 82) reafirma e enfatiza que os meios de comunicação têm uma forte influência no comportamento social, isto é, ao invés de disseminar informações verídicas às pessoas, os meios de comunicação manipulam essas informações com o intuito de deixá-las alienadas a respeito dos fatores que as cercam. Os indivíduos geralmente desconhecem tal fato, pois esses meios são muito bem administrados com o propósito de fazer com que as pessoas nem desconfiem que estão sendo controladas e submetidas aos propósitos dos outros involuntariamente.

Considerações finais

Diante do exposto, acredita-se que informação é poder mesmo que a realidade atual seja a Sociedade da Informação, que visa primordialmente a democratização da informação e do conhecimento. Assim, ela toma lugar de supremacia, seja quando socializada ou não. Esse reconhecimento não é uma percepção contemporânea, como bem descreveu Orwell em seu livro *1984*, pelo contrário, é um assunto que há tempos permeia a nossa sociedade e as organizações.

Orwell foi um escritor futurista que procurou combater a hipocrisia e a covardia intelectual, defendendo desde o início que o uso da linguagem verbal era o único instrumento de emancipação do indivíduo em um mundo altamente feroz e competitivo. Mas como colocar em prática tais princípios sabendo que hoje, mais do que nunca, a informação é o principal componente de dominação? Além, claro, de ser um insumo valioso para aquelas organizações que querem se tornar ou se manter competitivas no ambiente organizacional em que atuam?

Como forma de sobrevivência, percebe-se que as organizações estão tendo que modificar a sua estrutura organizacional de centralizadas para descentralizadas na tentativa de contrapor essa ideia de poder; isto é, como forma de dar mais «voz» aos seus colaboradores dentro do ambiente organizacional, visando por meio disso, solucionar problemas e se manter à frente daquelas empresas tidas como conservadoras. Essa mudança estrutural faz com que todo o conhecimento construído individualmente seja compartilhado e transformado em ações coletivas visando um maior desempenho da organização.

Nessa perspectiva, é de extrema importância que todos estejam aptos para criar um ambiente propício para que a organização e seus colaboradores usufruam da melhor informação e conhecimento disponíveis, deixando de lado, portanto, a ideia de que a informação que se possui é poder e que não pode ser compartilhada, pois se perde o domínio da situação ou até mesmo o cargo ocupado dentro da organização.

Além disso, destaca-se a Ciência da Informação como contribuinte dessa tarefa por ser uma ciência interdisciplinar e possuir várias especificidades, sendo que uma delas visa a importância da informação para a construção do conhecimento. Sua missão, neste caso, é auxiliar na criação da capacidade reflexiva dos sujeitos, pois o direito à informação é a base para qualquer reivindicação consciente de mudança. Tal ação coloca o poder nas mãos dos sujeitos (colaboradores), e estes tomam as decisões que julgarem necessário para o desenvolvimento do ambiente no qual fazem parte.

Com tudo que foi visto, evidencia-se que não basta apenas mudar as estruturas organizacionais para promover maior compartilhamento da informação e do conhecimento se ao ser inserido no ambiente o indivíduo tem a visão de que informação é poder e, por isso, guarda-o com ele. Portanto, nota-se que a era da informação é marcada pelo acúmulo de riquezas e esta, por conseguinte, nos faz retornar à questão inicial: será que a Sociedade da Informação não é apenas um eufemismo do capitalismo e da globalização presente no cotidiano dos cidadãos (colaboradores)?

Apesar do controle, como saber e controlar a relação das pessoas com o mundo, com os outros, consigo mesmas? Os personagens, ao final do livro, são cooptados pelas ideias do Grande Irmão ou uma resistência de fato ainda está latente?

Referências

BARBOSA, R. R.; SEPÚLVEDA, M. I. M.; COSTA, M. U. P. Gestão da informação e do conhecimento na era do compartilhamento e da colaboração. *Informação & Sociedade: Estudos*, João Pessoa, v.19, n.2, p.13–24, maio/ago. 2009.

BARRETO, A. de A. (1998) – Mudança estrutural no fluxo do conhecimento: a comunicação eletrônica. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 27, n. 2, p. 122–127, maio/ago

BASTOS, M. (2006) – *Análise do livro 1984 de George Orwell*. Disponível em: <http://oitentaequatro.blogspot.com.br/2006_05_01_archive.html>. Acesso em: 02 de julho de 2014.

LIAO, C.; CHUANG, S.; TO, P. (2011) – How knowledge management mediates the relationship between environment and organizational structure. *Journal of Business Research*, v. 64, set. Disponível em: < <http://www.periodicos.capes.gov.br>>. Acesso em: 2 julho de 2014.

LIRA, W. S. et. al. (2008) – A busca e o uso da informação nas organizações. *Perspectiva em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 13, n. 1, p. 166–183, jan./abr.

NETO, A. S.; TEIXEIRA, A. A. (2006) – Sociedade do conhecimento e ciência administrativa: reflexões iniciais sobre a gestão do conhecimento e suas implicações organizacionais. *Perspectiva em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 11, n. 2, p. 220–232, mai./ago.

NONAKA, I.; TAKEUCHI, H. (1997) – *Criação de conhecimento na empresa*. Rio de Janeiro: Campus, 376p.

ORWELL, G. (2009) – *1984*. São Paulo: Companhia das Letras. 416p.

ROBBIO, N. (1986) – *O futuro da democracia: uma defesa das regras do jogo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 171p.

ROUSSEAU, J. J. (1999) – *O contrato social*. São Paulo: Martins Fontes. 186p.

SANTOS, P. L. V. A. C.; CARVALHO, A. M. G. (2009) – Sociedade da informação: avanços e retrocessos no acesso e no uso da informação. *Informação & Sociedade: Estudos*, João Pessoa, v. 19, n. 1, p. 45–55, jan./abr.

SERVAN–SCHREIBER, J. L. *O poder da informação*. Mem Martins: Publicações Europa–América, 1974. 415p.

SILVEIRA, H. F. R. Um estudo do poder na sociedade da informação. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 29, n. 3, p. 79–90, set./dez. 2000.

UNESCO (1987) – *Communication and society: a documentar history of a new world information and communication order seen na evolving and continuous process, 1975–1986*. Paris: UNESCO.

VALENTIM, M. L. P. (Org.) (2007) – *Informação, conhecimento e inteligência organizacional*. 2.ed. Marília: FUNDEPE Editora. 278p.

WERTHEIN, J. A. (2000) – A sociedade da informação e seus desafios. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 29, n. 2, p. 71–77, maio/ago.

YU, A. S. O. (2011) – *Tomada de decisão nas organizações: uma visão multidisciplinar*. São Paulo: Saraiva. 336p.